Josinaldo Monteiro da Silva

Brincando com bonecas/os negras/os: construção e afirmação identitária das crianças negras e igualdade de gênero na educação infantil

Gease 2024

Brincando com bonecas/os negras/os: construção e afirmação identitária das crianças negras e igualdade de gênero na educação infantil

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte (CIP)

S586s Silva, Josinaldo Monteiro da.
Brincando com bonecas/os negras/os: construção e afirmação identitária das crianças negras e igualdade de gênero na educação infantil. Josinaldo Monteiro da Silva. Campina Grande-PB: GEASE, 2023.

73 p.
ISBN – 978-65-00-94372-6
Livro Digital
1. Educação Infantil. 2. Brincadeiras com bonecos/as negros/as. 3. Identidade étnico-racial e sexual. 4. Igualdade de gênero. I. Título. II. Autor.

21. ed. CDD: 305.6

A todas as pessoas cujos corpos dissidentes, identidades étnico-raciais e sexuais desestabilizam tanto à padronização social racista, capacitista, excludente quanto ao sistema binário hegemônico, misógino, machista e sexista em um contínuo movimento de resistência ao segregacionismo étnico-racial e sexual, DEDICO.

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes. Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes que nem devia tá aqui. Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes. Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós? Alvos passeando por aí [...]
EMICIDA, 2020.

Sumário

Introdução.. 8
Reflexão sobre construção identitária das crianças.. 12
Identidade racial e Educação das Relações Étnico-raciais: aproximações possíveis.. 22
Problematizando gênero e a questão étnico-racial na Educação Infantil a partir das brincadeiras.......................... 25
Metodologia... 36
Resultados e Discussões........................ 39
Estratégia didática de apoio à igualdade de gênero, construção e afirmação identitária positiva das crianças negras.. 51
Considerações (longe de serem) Finais 65
Referências.. 68

Introdução

As brincadeiras são ações que podem ser utilizadas como estratégias didáticas lúdicas na Educação Infantil, de maneira que contribuam para o desenvolvimento cognitivo, estreitamento das relações sociais, afirmação e construção identitária das crianças e igualdade de gênero, além do enfrentamento a qualquer tipo de discriminação no contexto escolar, pois lhes permitem experenciar os conhecimentos adquiridos, ressignificarem as aprendizagens e construírem novos saberes.

Dentro dessa perspectiva, Costa e Duarte (2016, p. 7) afirmam que "*ao brincar, as crianças ativam vários aspectos no seu desenvolvimento, como atenção, afetividade, socialização, imitação, entre outros*".

Convém enfatizar que, ao longo do processo de construção de saberes na escola, a criança aprende a se relacionar e conviver com novas pessoas, percebendo as diferenças e pluralidades de sujeitos.

Assim, as brincadeiras servem como atividades que, além de gerarem dinamismo na sala de aula, corroboram a construção dos laços afetivos entre as crianças. Em vista disso, nosso trabalho de pesquisa tem como tema as brincadeiras

com bonecos/as negros/as na Educação Infantil e os prováveis desdobramentos na construção e afirmação identitária e igualdade de gênero.

Logo, nosso trabalho de pesquisa é norteado pela seguinte problemática: como as brincadeiras com bonecos/as negros/as podem contribuir para a construção e afirmação identitária positiva das crianças negras, na Educação Infantil, igualdade de gênero e combate ao racismo, sem, contudo, generificá-las? Isso posto, o objetivo geral é compreender como essas brincadeiras auxiliam no processo de construção e afirmação da identidade racial da criança negra, bem como na luta contra o racismo e as desigualdades de gênero.

Com isso, especificamente, tencionamos discutir a relevância das brincadeiras com bonecos/as negros/as para a construção de tais processos identitários e igualdade de gênero; incentivar o uso desses/as bonecos/as nas brincadeiras das crianças, a fim de valorizar a diversidade étnico-racial; encorajar o combate ao racismo e desmistificar a generificação atribuída a esses brinquedos, com vistas a assegurar a livre expressão dos/as educandos/as por meio de brincadeiras como possibilidades de experenciarem situações reais de convívio harmônico e respeito às diferenças étnico-raciais e sexuais.

Nesse contexto, durante as aulas com as crianças dessa etapa da Educação Básica, é importante promover brincadeiras com a finalidade de garantir a dinamicidade das atividades propostas, ajudando-as na construção e afirmação identitária, bem como no combate ao racismo e desigualdade

de gênero por meio de experiências práticas relevantes, a fim de lhes possibilitar aprendizagens libertadoras e impulsioná-las a mobilizarem seus conhecimentos para a promoção de um convívio harmônico e digno a todos/as, de modo a (re)significarem as relações na sociedade em que vivem.

Nessa perspectiva, compreendemos que as brincadeiras com bonecos/as negros/as na Educação Infantil são importantes ações lúdicas de apoio à prática pedagógica, à medida que podem ajudar na afirmação identitária das crianças negras e na diminuição das desigualdades entre meninos e meninas.

Tal confirmação ou refutação dessa premissa será feita com base nos estudos de autores/as que abordam questões alusivas à identidade racial, gênero e brincadeiras como estratégias didáticas lúdicas que facilitam a aquisição dos saberes e a construção identitária. Entre eles/as, destacamos as arguições de Fanon (2008), Auad (2019), Mbembe (2014), Rau (2013), entre outros/as.

Ademais, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de problematizarmos as questões referentes à identidade da criança negra e as relações de gênero na escola, de maneira que possamos desenvolver uma prática docente antirracista, antissexista, significativa, emancipatória e libertadora.

Com isso, em um primeiro momento, apresentaremos algumas considerações sobre identidade racial e gênero na Educação Infantil. Em seguida, abordaremos algumas questões referentes às brincadeiras com bonecos/as negros/as e sua relação com a construção identitária das crianças negras e a

não generificação de tais brinquedos, com vistas a reflexão de uma prática educativa fundamentada no respeito e valorização da diversidade étnico-racial e sexual. Por último, indicaremos uma proposta didática envolvendo a utilização de bonecos/as negros/as.

Por conseguinte, a utilização de tais estratégias didáticas na Educação Infantil, além de promover uma aprendizagem significativa das crianças, poderá também auxiliá-las na construção de suas identidades e respeito às diferenças, além de ajudar os/as professores/as no desenvolvimento de uma práxis lúdica continuada.

Josinaldo Monteiro da Silva

Reflexão sobre construção identitária das crianças

Pensar em identidades implica compreender os processos de assujeitamento e formação das pessoas, haja vista que são construções contínuas e não fixas. A partir dessa perspectiva, reitera-se a necessidade da formação continuada dos/as professores/as, de maneira a possibilitar uma prática educativa capaz de promover o respeito mútuo entre as pessoas e o reconhecimento das diferentes identidades. Importa destacar que:

> *[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ''imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada" (HALL, 2006, p. 38, grifos do autor).*

Essa assertiva de Hall (2006) faz-nos ratificar a premissa de que as identidades são construídas continuamente, portanto, são inconclusas. Daí a importância de garantir o desenvolvimento de uma educação escolar que, entre outros aspectos, seja antirracista, de maneira a auxiliar significativamente no processo de construção identitária das

crianças negras, possibilitando-lhes visibilidade e (re)significação dos estereótipos associados a pessoa negra, uma vez que a escola se constitui como um considerável espaço de formação de pessoas.

Tal construção identitária dá-se também por meio da linguagem que é um dos instrumentos sociais de poder. Como destaca Fanon (2008, p. 34) *"um homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito"*.

Nesse cerne, a linguagem utilizada pelos grupos dominantes acaba servindo como instrumento de opressão e silenciamento dos subalternos, cujas identidades são construídas adequando-se às normas daqueles/as que detêm o poder.

Destarte, percebemos que a escola também é um importante espaço que, ao fazer uso de linguagens, contribui para o fortalecimento das relações sociais de poder e, nesse caso, precisa-se repensar aqueles currículos e práticas pedagógicas que costumam perpetuar a invisibilidade das diferentes identidades e as desigualdades de gênero, para que se possa garantir o respeito mútuo entre todos/as. Logo, a ideia é ressignificar padrões normalizadores hegemônicos e assegurar a equidade. Afinal, as identidades são polimórficas e polifônicas (BRITZMAN, 1996).

É nessa ótica que a brincadeira com bonecos/as negros/as estrutura-se como sendo uma significativa estratégia didática que, além de possibilitar a problematização de diferentes questões, como aprender a cuidar de si e do/a

outro/a, pode contribuir para o entendimento das questões alusivas à raça e a construção da identidade racial das crianças negras, bem como ajudar no combate ao racismo e as desigualdades de gênero.

Afinal, como afirma Mbembe (2014, p. 25), *"a raça é um complexo perverso, gerador de medos e de tormentos [...]"*.

Isso posto, depreende-se que a construção da identidade da criança negra envolve diferentes elementos que influenciam diretamente na afirmação positiva e/ou negativa da imagem social da pessoa negra. Ou seja, se privilegiamos nas práticas educativas aspectos culturais excessivamente eurocêntricos com ênfase na branquitude, como elemento de uma corporeidade superior às outras, estaremos reforçando o racismo estrutural em nossa sociedade, bem como dificultando a construção positiva identitária da criança negra, corroborando a invisibilidade das pessoas negras.

Desse modo, considerando as arguições de Mbembe (2014), não podemos deixar que o medo de discutir as questões raciais paralise-nos, impedindo-nos de assegurar uma educação antirracista, antissexista e contribuir para a visibilidade positiva da pessoa negra na sociedade. Pois, vale reiterar que:

> *A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a*

> *defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc (MUNANGA, 1994, p. 177-178).*

Essa afirmativa de Munanga (1994) ajuda-nos a validar o argumento de que as identidades são permeadas de complexos e de diferentes usos que ajudam na constituição do eu e do nós. Logo, tais identidades também auxiliam na unidade e visibilidade de grupos sociais.

Com isso, quanto mais representatividade das culturas africana e afro-brasileira e da pessoa negra nos diferentes espaços sociais maior a probabilidade da criança negra construir sua identidade racial positiva, sem sentir-se inferior às demais pessoas que pertencem a outros grupos étnico-raciais. Já que, de acordo com Louro (2018, p. 13), *"reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer sentido de pertencimento a um grupo social de referência".*

Daí a necessidade de disponibilizar, nesse caso, bonecos/as negros/as durante as brincadeiras na Educação Infantil, para que, enquanto as crianças manipulem e brinquem com tais objetos, percebam entre si a pluralidade de tons de pele e sujeitos e, consequentemente, entendam que ser negro/a não é sinônimo de inferioridade, ressignificando, assim, paulatinamente, a imagem estereotipada e negativa da pessoa negra que é propagada em nossa sociedade. Nesse contexto, é válido destacar:

> *[...] o papel dos movimentos sociais, em particular, do Movimento Negro, os quais redefinem e redimensionam a questão social e racial na sociedade brasileira, dando-lhe uma dimensão e interpretação políticas. Nesse processo, os movimentos sociais cumprem uma importante tarefa não só de denúncia e reinterpretação da realidade social e racial brasileira como, também, de reeducação da população, dos meios políticos e acadêmicos (GOMES, 2005, p. 39).*

Tal assertiva faz-nos perceber a importância do Movimento Negro (MN) como significativa articulação político-social de luta contra o racismo e ao mesmo tempo capaz de contribuir para a visibilidade, empoderamento e legitimidade das identidades das pessoas negras.

Enquanto movimento social, o MN tem fortalecido as relações entre tais pessoas, auxiliando-as no combate às discriminações raciais ocorridas no país, além de estimular o desenvolvimento de práticas educativas antirracistas.

Afinal, a construção e afirmação identitária das crianças negras estão intrinsicamente relacionadas com os tipos de práticas educativas realizadas nos espaços escolares e não-escolares, as quais podem ressignificar e/ou reforçar a discriminação racial e as ideias racistas. Importa destacar aqui a Lei 10.639/03, promulgada em 9 de janeiro de 2003, como fruto da luta antirracista do Movimento Negro, que determina:

> *Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.*

> *§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.*
> *§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.*
> *Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como "Dia Nacional da Consciência Negra". (BRASIL, Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003).*

Diante dessas diretrizes, notamos que a Lei 10.639/03 representa uma importante conquista para a população negra, à medida que institui a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nas instituições escolares. Ainda que seja necessário problematizar alguns de seus aspectos (como, por exemplo, estabelecer metas para implementação, pensar em estratégias para qualificação dos/as professores/as, etc.) e que tal obrigatoriedade refira-se ao ensino fundamental e médio, não significa que os/as professores/as estejam isentos/as de trabalharem com tais temáticas na Educação Infantil.

Pelo contrário, a partir do que estabelece essa Lei, os/as docentes dessa etapa da Educação Básica podem e devem trabalhar esses temas em suas aulas, de maneira a promover o respeito à pluralidade étnico-racial e colaborar na

construção e afirmação da identidade da criança negra desde os seus primeiros anos de escolarização.

Cabe enfatizar, nesse caso, que a(s) identidade(s) *"[...] só pode ser usada no plano do discurso e aparece como um recurso para a criação de um nós coletivo – nós índios, nós mulheres, nós homossexuais, nós homens, nós negros, nós professores"* (NOVAES, 1993 *apud* GOMES, 2005, p. 41, grifos da autora).

Ou seja, compreendemos com isso a importância de uma educação antirracista que, de fato, favoreça o reconhecimento e respeito às diferentes identidades étnico-raciais, à medida que a construção dessa(s) identidade(s) sofre influência do coletivo ao mesmo tempo em que contribui para o fortalecimento dos variados grupos sociais. Consoante a essa questão, reitera-se que a(s) identidade(s):

> *[...] se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares, referências civilizatórias que marcam a condição humana (GOMES, 2005, p. 41).*

Diante dessa narrativa de Gomes (2005), inferimos que a escola representa um dos importantes espaços de formação cidadã que afeta diretamente na construção e afirmação identitária dos sujeitos, haja vista que a autora pontua a(s) identidade(s) como sendo o nosso modo de ser e de se relacionar no mundo e que carrega diferentes aspectos

culturais, sociais, políticos, econômicos, entre outros, os quais legitimam a formação dos grupos sociais. Por conseguinte, a criança construirá sua identidade interseccionada por esses diferentes aspectos.

Em vista disso, reforça-se a necessidade de desenvolvermos um trabalho docente na Educação Infantil que seja estruturado, por exemplo, em pedagogias de coloniais e práticas antirracistas, de maneira a impulsionarmos a reconstrução da imagem estereotipada e negativa das pessoas negras.

Para tanto, faz-se necessário investir na qualificação e formação continuada dos/as profissionais da educação, bem como problematizar as produções de conhecimentos eurocêntricos que tendem a invisibilizar as identidades, silenciar e desqualificar o conhecimento produzido pela população negra.

Pois, segundo Gomes (2005, p. 42), refletir sobre a construção da identidade negra implica entender que essa problematização *"[...] não pode prescindir da discussão sobre a identidade enquanto processo mais amplo, mais complexo. Esse processo possui dimensões pessoais e sociais que não podem ser separadas, pois estão interligadas e se constroem na vida social".*

Nesse contexto, como a criança é um ser social em desenvolvimento, inevitavelmente, terá suas identidades construídas a partir do coletivo e das imagens que são legitimadas nos diferentes contextos sociais.

Portanto, a criança negra, possivelmente, só responderá afirmativamente sua identidade negra se conseguir

estabelecer uma relação de sentido positiva com outras identidades negras. Para isso, é preciso que tenha referências atraentes, reconhecidas e valorizadas na sociedade em que vive. Afinal, como afirma Gomes (2005, p. 43), "*construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as)*".

Essa arguição faz-nos questionar se, nos dias atuais, a escola está, de fato, preparada para intervir na construção positiva da imagem identitária da criança negra, considerando que tal identidade constrói-se gradativamente em meio as diferentes práticas educativas e relações com os demais sujeitos e que ainda existe um forte negacionismo referente ao racismo presente no Brasil.

Ademais, não podemos omitir que vivemos em um país cuja cor da pele dos sujeitos, infelizmente, é tida como elemento classificatório de inferiorização e discriminação. Tal fato, entre outras premissas, faz com que a criança negra negue sua identidade racial por receio de ser ridicularizada, preterida e discriminada diante do grupo de colegas.

Em contrapartida, também não podemos esquecer que a escola tem a responsabilidade social e educativa de promover o respeito à identidade negra e demais identidades construídas por outras pessoas. Assim sendo, compete à escola ressignificar seus currículos com vistas a garantir práticas educativas inclusivas, democráticas e libertadoras.

Tal mudança teórico-prática requer, por exemplo, compromisso em problematizar as questões étnico-raciais em todas as etapas do processo de escolarização, reconhecendo a existência do racismo e adotando medidas de combate a esse problema.

A ideia é favorecer o protagonismo dos/as discentes negros/as nos mais variados contextos de ensino-aprendizagem, para que construam e afirmem suas identidades sem medo de represálias e discriminações. No tópico a seguir, discutiremos algumas questões referentes à identidade racial e a Educação das Relações Étnico-raciais.

Josinaldo Monteiro da Silva

Identidade racial e educação das relações étnico-raciais: aproximações possíveis

A construção e afirmação da identidade racial positiva estão intrinsicamente relacionadas com a Educação das Relações Étnico-raciais, haja vista que contribui para a problematização das questões étnico-raciais e impulsiona as pessoas a lutarem pela implementação de políticas públicas com a finalidade de corrigir injustiças, combater discriminações e propiciar a inclusão social para todos/as, bem como estimular o respeito às diferentes identidades raciais.

Nesse cerne, a Educação das Relações Étnico-raciais traz à luz a urgente necessidade do desenvolvimento de práticas educativas antirracistas que estimulem a valorização da diversidade étnica.

Assim, precisamos lutar contra o racismo estrutural, a fim de promover a construção identitária positiva das pessoas negras, pois como afirma Mbembe (2014, p. 72) *"o racismo e a fobia dos outros são fenômenos amplamente partilhados"*. Logo, se a escola não promover ações educativas de enfrentamento e combate as discriminações raciais corroborará a invisibilidade de grupos étnico-raciais historicamente segredados. Convém enfatizar que:

> *O racismo causa impactos danosos do ponto de vista psicológico e social na vida de toda e qualquer criança ou adolescente. A criança pode aprender a discriminar apenas por ver os adultos discriminando. Nesses momentos, ela se torna vítima do racismo. [...] Não importa se uma criança é negra, branca ou indígena. Qualquer criança ao conviver em realidade de desigualdade e de discriminação tem a ilusão de negros, brancos e indígenas devem ocupar necessariamente lugares diferentes na sociedade (BRASIL, O Impacto do Racismo na Infância, 2010, p. 5).*

Essa afirmativa reforça a premissa da importância da Educação das Relações Étnico-raciais para o processo de construção e afirmação positiva da identidade negra, uma vez que ajudará as crianças a perceberem, por exemplo, que o tom da pele não determina as competências e habilidades dos sujeitos. Caso não seja assegurada essa educação, provavelmente as crianças negras tenderão a negar suas identidades, desprezar suas histórias e as diferentes manifestações culturais. Consoante a essas questões, depreende-se que:

> *O silêncio da escola sobre as dinâmicas das relações raciais tem permitido que seja transmitida aos(as) alunos(as) uma pretensa superioridade branca, sem que haja questionamento desse problema por parte dos(as) profissionais da educação e envolvendo o cotidiano escolar em práticas prejudicais ao grupo negro (BRASIL, Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais, 2006, p. 23).*

Por isso é necessário a Educação das Relações Étnico-raciais para romper com o silêncio segregacionista que reforça identidades estereotipadas e fortalece a hierarquização racial, a fim de contribuir para o processo de construção e afirmação identitária positiva das pessoas negras. A seguir, problematizaremos gênero e a questão étnico-racial na Educação Infantil a partir das brincadeiras.

Problematizando gênero e a questão étnico-racial na Educação Infantil a partir das brincadeiras

A discussão sobre gênero e sexualidade implica, inicialmente, o entendimento sobre esses conceitos e quais teorias os validam enquanto categorias discursivas. Nesse aspecto, o debate sobre essas questões intensificou-se no século XX, graças à luta, inicialmente, dos movimentos feministas e de estudos como o da Judith Butler, por exemplo, que trouxeram à tona diversas problemáticas referentes às desigualdades entre homens e mulheres e a ideia de performatividade de gênero. Nesse contexto, gênero é discutido como um constructo sócio-histórico que estrutura as relações sociais de poder.

Em vista disso, aponta-se que as relações de gênero são construídas socialmente e refletem concepções, valores e comportamentos considerados adequados aos sujeitos. Dentro dessa perspectiva, delimita-se o papel social da mulher e do homem, podendo sofrer transformações de acordo com a sociedade e com a época em que vivem.

Sendo assim, é relevante enfatizar que, desde muito cedo, as meninas são instruídas a adotarem uma conduta passiva, dependente, sensível e frágil. Nota-se, inclusive, que as brincadeiras, os brinquedos e jogos infantis destinados a elas costumam reforçar o papel de mãe, cuidadora e responsável pelos afazeres domésticos. Enquanto que os meninos são incentivados a serem fortes, valentes e assumirem uma postura ativa, independente. A eles, comumente, não se cobram que lavem a louça, arrumem a cama, preparem a comida, etc. Geralmente, suas brincadeiras, seus brinquedos e jogos reforçam a ideia de que pertencem ao grupo superior que tem poder.

Desse modo, estruturam-se as relações sociais desiguais de poder que podem corroborar relacionamentos abusivos, comportamentos tóxicos e atitudes discriminatórias. Tais desigualdades podem continuar sendo reforçadas nas escolas, haja vista que as instituições educacionais são uma extensão da sociedade e que, portanto, reproduzem aquilo que é praticado no meio social.

É nesse viés que as mulheres são condicionadas a terem suas identidades como sujeito histórico subjugadas a uma sociedade machista e patriarcal, onde vigora os direitos desiguais entre homens e mulheres. A partir disso, eclode:

> *[...] à necessidade de reinventar nossa arte de existir humanamente e de sermos mulheres, ou melhor, de estar mulher em um mundo regido pelo masculino, que tradicionalmente tende a favorecer os valores e práticas que*

> *reforçam o sistema patriarcal (ANDRADE et al, 2016, p. 21-22).*

Nesse contexto, temos a incessante busca das mulheres pela promoção e garantia de direitos que lhes são negados. A luta das mulheres começa a se pautar não na intenção de serem superiores aos homens, como muitos pensam equivocadamente, mas sim na intenção de terem direitos iguais.

Logo, menino brincando com boneca ou menina brincando com carrinho ainda causa polêmica, à medida que quebra a norma dos comportamentos e papéis sociais construídos sob a ótica do binarismo de gênero. Nesse cenário, continua sendo comum ouvirmos nos mais diferentes espaços sociais expressões do tipo *"meninos vestem azul e não devem chorar", "meninas vestem rosa e devem sentar sempre de pernas cruzadas".*

Tais discursos são fundamentados, segundo Furlani (2008), em um conservadorismo moral-tradicionalista que defende os papéis sexuais tradicionais, além de incentivar a castidade, o casamento, a monogamia, etc. Corroborando essa ideia, Auad (2019) afirma que:

> *[...] as relações de gênero, do modo como estão organizadas em nossa sociedade, são uma máquina de produzir desigualdades. As visões naturalistas sobre mulheres, meninas, homens e meninos representam travas para a superação dessa situação. [...] Tais características são, na verdade, construídas, ao longo dos anos e dos séculos, segundo o modo como as relações entre o feminino e o*

> *masculino foram se engendrando socialmente (AUAD, 2019, p. 19).*

Nessa perspectiva, mesmo que atualmente, na grande maioria das escolas brasileiras, meninos e meninas convivam juntos/as, não significa que as práticas curriculares desenvolvidas nesses espaços promovam eficazmente a ressignificação dos papéis que lhes são atribuídos, pois as ações implementadas a partir do currículo adotado pela escola, possivelmente, tendem a reproduzir estereótipos étnico-raciais e de gênero, reforçando certos princípios e desigualdades.

A situação agrava-se ainda mais quando a questão é a cor dos/as bonecos/as utilizados/as nas brincadeiras das crianças durante o intervalo e/ou atividades em sala de aula. Geralmente, por causa da influência eurocêntrica e a constante tentativa de embranquecimento da população, prevalece o uso de bonecos/as brancos/as de cabelos lisos.

Ademais, vale destacar que, segundo Rau (2013, p. 25), *"a utilização de recursos lúdicos, como jogos e brincadeiras, auxilia a transposição dos conteúdos para o mundo do educando".*

Com isso, entendemos que ao brincar com bonecos/as negros/as, as crianças terão a oportunidade de construírem aprendizagens significativas, à medida que podem simular situações do cotidiano, testarem os saberes adquiridos, além de serem estimuladas a valorizarem os diferentes tons de peles e, por conseguinte, as diferentes identidades étnico-raciais, sem generificarem tais brinquedos.

Em vista disso, convém ressaltar que as brincadeiras, os jogos e os brinquedos são ferramentas que podem contribuir para uma prática educativa lúdica e dinâmica, à medida que impulsionam as crianças a reproduzirem cenas do cotidiano, testarem e experimentarem os conhecimentos adquiridos ao longo do processo de escolarização. Corroborando essa ideia, compreende-se que:

> *O brinquedo cria na criança uma nova forma de desejos, seu papel no jogo e suas regras. Com o brincar em sala de aula, o professor pode pensar em situações imaginárias, criação de personagens e os sentimentos envolvidos para que tais situações possam proporcionar momentos nos quais o aluno possa colocar em prática diversas possibilidades com o que já sabe [...] (MENDES, 2012, p. 32).*

Diante dessa assertiva, notamos que as brincadeiras, jogos e brinquedos, certamente ajudam no desenvolvimento de diferentes habilidades, haja vista que quando a criança brinca tem a oportunidade de fazer uso da criatividade e imaginação para vivenciar diferentes situações de aprendizagens, despertando-lhe emoções, bem como estimulando o estreitamento das relações com outras crianças.

Nesse caso, criar atividades lúdicas em que elas possam utilizar bonecos/as negros/as é uma ótima estratégia para ajudá-las a perceberem a pluralidade de sujeitos e, paulatinamente, irem ressignificando a imagem estereotipada da pessoa negra ao mesmo tempo em que auxilia na não

generificação desses brinquedos e na construção e afirmação identitária da criança negra.

Durante as situações de brincadeiras, as crianças poderão estabelecer ainda significativas relações com os conteúdos trabalhos em sala de aula e sua vida pessoal, de maneira que consigam assimilá-los com maior facilidade. Logo, os/as educadores/as podem promover brincadeiras e fazer uso de brinquedos e jogos com vistas a impulsionar seus/suas alunos/as a desenvolverem diferentes competências cognitivas.

Ratificando essa ideia, Aguiar (1998) afirma que:

> *Os jogos favorecem a aprendizagem do aluno ao acionar mecanismos de atenção que lhe possibilitam executar tarefas de forma satisfatória e adequada. É uma atividade que propicia prazer, motiva, ajuda a desenvolver a concentração e permite assimilar a cultura, além de criar possibilidades de transformação. Na escola, os jogos podem servir de ferramenta educacional. Ao utilizá-los, o professor deve ter uma postura problematizadora, explorando contradições e desafiando a inteligência do aluno, contribuindo, assim, para a construção de conhecimentos e a formação da cidadania (AGUIAR, 1998, p. 156).*

Assim, compreendemos que os jogos, brinquedos e brincadeiras beneficiam a construção de saberes qualitativos, prendem a atenção dos/as alunos/as, promovendo-lhes a inclusão nas atividades durante as aulas, além de contribuírem para a autonomia de todos/as no desenvolvimento de competências e habilidades cognitivas. Importa enfatizar,

nesse caso, que esses recursos propiciam à criança performar diferentes situações de interatividade com os/as demais colegas, as quais podem ajudar no processo de construção e afirmação identitária e igualdade de gênero.

Sobre essa questão, Mendes (2012, p. 47, grifo do autor) aponta que, *"brincar, entendido como performance, é ser quem você não é. Performance, entendida como uma ferramenta de desenvolvimento, é criar quem você é e quem você não é"*.

Por isso é fundamental ficarmos atentos às práticas educativas desenvolvidas na escola, ressignificando-as quando necessário, uma vez que elas influenciam nas performances e na construção das identidades das crianças.

Dentro dessa ótica, convém refletirmos sobre como os corpos são educados, como os gêneros masculino e feminino são performados e quais identidades são legitimadas no espaço escolar. A partir disso, podemos problematizar ainda como se configura o exercício do poder no contexto social e educacional, o qual tende a revelar situações de dominação masculina em detrimento da invisibilidade feminina e de corpos que não seguem o padrão binário de gênero. Vale enfatizar que:

> *Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros – feminino e masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. [...] Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados (LOURO, 2018, p. 12-16).*

A partir dessa perspectiva, podemos inferir que os gêneros são inscritos nos corpos desde a infância com base em normas culturais que determinam os papéis sociais e identidades a serem adotadas por meninas e meninos. Logo, a mulher e aqueles sujeitos que fogem a essa normatividade do binarismo são socialmente subordinados/as e a resistência à masculinidade hegemônica, por vezes, costuma ser considerada vitimismo.

Então, dentro das relações sociais de poder, são impelidos/as a perceberem-se como inferiores ao homem cis heterossexual, consequentemente, corrobora a dominação masculina. Dessa forma, cristaliza-se a polaridade homem dominante e mulher dominada.

É com base nesses aspectos que Miskolci (2015) expõe a necessidade de rompermos com a dicotomia feminino versus masculino, fazendo-nos repensar sobre a opressão resultante do sexismo e das pedagogias da masculinidade, a fim de pensarmos as relações de gênero para além do enfoque biológico, a produção das masculinidades e feminilidades, ratificando a mulher e as demais pessoas dissidentes como sujeitos de direitos. Consoante a essa problemática, atentemos para o fato que:

> *Quando crianças, na escola, realizamos diversas atividades e passamos por situações que supõem diferenças entre nós. Pedem-nos para fazer "fila de menino" e "fila de menina" e nas aulas de educação física as atividades são separadas em esportes para meninos e para meninas. Percebemos rapidamente que o mundo é dividido entre feminino e*

> *masculino e aprendemos também em qual dos dois lados devemos estar (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 9).*

Ancorados nessa arguição dos/as autores/as, depreendemos que referente às questões de gênero, possivelmente, algumas escolas e alguns/algumas professores/as tendem a reproduzirem, em boa parte do tempo, práticas educativas pautadas em um currículo que separa aquilo que deve ser promovido como *"coisas de menino"* e *"coisas de menina"*. Um exemplo dessas práticas dá-se durante o final do intervalo, momento em que os/as alunos/as são encaminhados para o pátio e separados/as em filas por gênero.

Configura-se, nesse caso, a clássica oposição de gênero que, segundo Auad (2019, p. 22) *"conduz, dentre várias consequências, a muitas ideias equivocadas [...] reforçam as desigualdades e fazem as pessoas menos felizes"*. Ou seja, ainda que aparentemente tal ação praticada pelos/as docentes pareça inofensiva, contribui para se manter um ensino que mantém as disparidades entre os sujeitos.

Ainda segundo Lins, Machado e Escoura (2016) nota-se que:

> *O comportamento esperado na escola também é marcado por expectativas de gênero. Quando pensamos que "matemática é coisa de menino", que "menina é mais caprichosa", enfim, que certas coisas são próprias de meninas e outras de meninos, estamos limitando as aprendizagens e as expectativas de vida das crianças ou*

adolescentes (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 19).

A partir dessa assertiva, entendemos que ainda existe muita desigualdade de gênero sendo operacionalizada nos espaços escolares e não-escolares e que acabam propagando disparidades, discriminações e silenciamentos de determinados grupos sociais. Corroborando essa perspectiva, Louro (2014) chama-nos à atenção para o fato de que:

> *A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e meninas [...] aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos (LOURO, 2014, p. 62).*

Diante dessa afirmativa, compreendemos que a escola é um importante espaço de formação dos sujeitos e que carrega em seu currículo concepções paradigmáticas que produzem mecanismos reprodutores de hierarquizações, classificações e ordenamentos. Por isso, é importante refletirmos sobre essas práticas que atestam e reproduzem as desigualdades, de maneira que possamos pensar em estratégias de (des)construí-las. Nesse contexto, uma das estratégias didáticas que podemos adotar para começarmos a ressignificar, desde a Educação Infantil, os estereótipos de gênero e ajudar na

construção e afirmação identitária da criança negra, é o uso de bonecos/as negros/as em atividades previamente planejadas.

Ademais, Miskolci (2015) recorre às ideias foucaultianas e outros/as teóricos/as para defender as diversas possibilidades de educar, de maneira a problematizarmos a chamada *"pedagogização dos sexos"* e os dispositivos referentes a gênero e sexualidade, ressignificando-se, assim, os reducionismos simplistas. Com isso, o autor inquieta-nos a pensar numa prática educativa *queerificada*, ou seja, que nos ajude a combater as desigualdades e injustiças sociais, bem como superar os binarismos. Haja vista que todos e todas que fogem da padronização binária são tidos como "*anormais*", exóticos/as, não sendo valorizados/as socialmente.

Portanto, precisamos incorporar uma perspectiva não normatizadora na educação, problematizando, nesse caso, a suposta ideia de neutralidade no ensino, bem como as questões de diferenças e diversidade, as relações de poder que regem os aspectos relativos a gênero, as quais culminam em normas de conduta que orientam o comportamento de homens e mulheres e influenciam a produção cultural dos corpos, das masculinidades e feminilidades, da sexualidade e das identidades dos sujeitos. No próximo tópico, descrevemos a metodologia utilizada em nossa pesquisa que nos ajudou a analisar os dados e construir a narrativa.

Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho é a pesquisa bibliográfica exploratória de caráter qualitativo cuja intencionalidade foi verificar o que a literatura informa sobre as contribuições das brincadeiras como estratégias didáticas lúdicas a serem utilizadas para trabalhar as questões étnico-raciais e as relações de gênero na Educação Infantil, favorecendo a significativa construção e afirmação identitária das crianças negras, bem como promover o combate ao racismo e às desigualdades de gênero.

Para tanto, delimitamos a nossa investigação, no Portal de Periódicos da CAPES, ao período compreendido entre o ano de 2015 e 2018, de modo que pudéssemos averiguar quantos trabalhos abordam nossa temática e qual o viés discursivo adotado pelos/as autores/as nas argumentações. Sobre essa metodologia, depreende-se que:

> *A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos e etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2017, p. 122).*

Nesse sentido, escolhemos essa metodologia por compreendermos que ela atenderia ao nosso objetivo de pesquisa e contemplaria satisfatoriamente a discussão significativa de nosso objeto de estudo. Isso posto, inicialmente, para a coleta dos dados, realizamos do dia 07 a 18 de dezembro de 2020 uma pesquisa *online* no *site* do Portal de Periódicos da CAPES, usando como palavras-chave identidade racial, brincadeiras com bonecos/as negros/as e gênero na educação infantil, a fim de identificarmos trabalhados que tratassem de alguma forma sobre a nossa temática.

Ademais, usamos como critérios de seleção dos trabalhos a pertinência e a atualidade das problemáticas apresentadas pelos/as autores/as. Logo, esperávamos encontrar artigos que discorressem sobre a importância da utilização de bonecos/as negro/as em brincadeiras propostas na Educação Infantil, indicando-os/as como sendo importantes recursos educacionais lúdicos capazes de contribuírem para a construção e afirmação identitária da criança negra, equidade de gênero e combate ao racismo. Vale enfatizar, nesse caso, que, em um primeiro momento, realizamos apenas a leitura dos resumos e, posteriormente, lemos os textos na íntegra estabelecendo relação com alguns/as teóricos/as que discutem sobre o nosso tema.

Desse modo, localizamos treze artigos científicos que, de alguma forma, dialogam com a nossa temática. Contudo, considerando as narrativas que mais se aproximam do nosso objeto de estudo, optamos por analisar apenas quatro trabalhos, cujos títulos são: "*Tu é menino, tu vai brincar de*

boneca, é?! Relações de gênero na Educação Infantil", ano 2015; "*A ressignificação de uma pedagogia: construção da identidade da criança negra na educação infantil"*, ano 2015; "*Meninos que brincam com bonecas viram meninas? Diferenças de gênero nas brincadeiras de crianças de 4 a 5 anos"*, ano 2017 e "*A construção da identidade negra no espaço escolar: percepções e discussões"*, ano 2018.

Já em um segundo momento, precisamente do dia 20 de janeiro a 28 de fevereiro de 2021, realizamos a leitura cuidadosa do material coletado e fizemos alguns fichamentos dos textos com a finalidade de examinar o conteúdo. Posteriormente, redigimos nosso trabalho destacando pontos relevantes referentes aos dados coletados, analisando-os em consonância com alguns/as teóricos/as que discutem sobre o nosso tema. É importante enfatizar que, movidos por nossa subjetividade e experiências pessoais vivenciadas na infância, decidimos ir além da pesquisa bibliográfica e sugerir uma proposta didática como forma prática de contribuir para a ressignificação de conceitos e repúdio aos preconceitos.

No próximo tópico, discutiremos com mais ênfase a relevância da utilização de bonecos/as negros/as em brincadeiras na Educação Infantil.

Resultados e Discussões

Discutir a utilização de bonecos/as negros/as em atividades lúdicas na Educação Infantil implica, inicialmente, compreender como os gêneros são inscritos nos corpos, como estão estruturadas as relações de gênero no espaço escolar e seus desdobramentos na construção identitária das crianças.

Afinal, como afirmam os/as especialistas em gênero e educação, o modo que performamos gênero influencia diretamente na construção das masculinidades e feminilidades, determinando o que são "coisas de menina", "coisas de menino" e os papéis sociais a serem adotados por homens e mulheres.

Além disso, as brincadeiras, os brinquedos e os jogos são importantes recursos didáticos capazes de auxiliarem na alfabetização e estimularem uma maior interatividade entre os/as aprendizes. Daí a necessidade de se apropriar de teorias e realizar um planejamento adequado que ajude no desenvolvimento de atividades lúdicas não generificadas.

Nesse contexto, a partir da pesquisa na base de dados do Portal de Periódicos da CAPES e considerando o período específico delimitado em nossa pesquisa, constatamos que existe uma boa quantidade de trabalhos que discutem sobre brincadeiras, construção identitária e relações de gênero na

Educação Infantil. Logo, os artigos que localizamos favorecem-nos uma significativa reflexão sobre tais questões. Assim, destacamos os seguintes apontamentos dos trabalhados analisados:

1) *Tu é menino, tu vai brincar de boneca, é?! Relações de gênero na Educação Infantil* (Autoras: Francisca Jocineide da Costa e Silva, Adenilda B. Alves de Morais, Karina Ingredy Leite da Silva e Maria Eulina Pessoa de Carvalho, ano 2015).

Nesse trabalho, as autoras apontam-nos, a partir do estudo que realizaram em um Centro de Referência de Educação Infantil (CREI), contradições e ambiguidades nas práticas educativas desenvolvidas nesse espaço, à medida que verificaram que os/as professores/as em suas ações discriminam as crianças por gênero e sexo. De acordo com elas:

> *Na instituição de educação infantil as aprendizagens de gênero podem reforçar a divisão e separação de sexo e, consequentemente, o sexismo e a desigualdade de gênero. Mas, por outro lado, a prática pedagógica também pode valorizar a igualdade e as potencialidades das crianças independentemente do sexo [...] (SILVA et al, 2017, p. 233).*

Diante dessa afirmativa, inferimos que as crianças, desde os primeiros anos de escolarização são influenciadas por práticas educativas que tendem a legitimar o binarismo de gênero, impulsionando-as a realizarem performances específicas que serão categorizadas em masculino e feminino.

Consequentemente, determinam-se quais brincadeiras e comportamentos são adequados para meninos e meninas.

Nesse cerne, Lins, Machado e Escoura (2016, p. 10) afirmam que as atividades realizadas na escola não só contribuem para a alfabetização dos/as discentes, mas também ensinam *"[...] as formas pelas quais organizamos o mundo a partir da relação de gênero"*.

Ao longo do texto, as autoras defendem ser necessário a discussão sobre gênero desde a Educação Infantil, a fim de que as crianças percebam a pluralidade de pessoas, sintam-se livres para brincarem e aprenderem sem medo de represálias e/ou discriminações.

Uma vez que, diante das medidas normalizadoras de aprendizagens, os/as alunos/as podem se conformarem ou transgredirem a maneira como os gêneros são lidos socialmente. Nesse contexto, é preciso pensarmos em uma política e práticas docentes não sexistas, antirracistas e que prezem pela igualdade de gênero.

A intencionalidade é disponibilizar, nessa etapa da educação, brinquedos, jogos e propor atividades sem marcadores de gênero, sem invisibilizarem as pessoas negras e as culturas africana e afro-brasileira.

Silva et al (2015, p. 234) reforçam a premissa de que o *"[...] processo educacional é um meio para o alcance de oportunidades e direitos iguais entre homens e mulheres, por isso a importância de trabalhar a igualdade de sexo e a equidade de gênero desde a primeira infância"*. A partir dessa perspectiva, precisamos pensar em estratégias didáticas que, de fato, possibilitem a quebra de

paradigmas hegemônicos excludentes, de maneira a colocar as crianças como protagonistas no processo de ensino-aprendizagem e construção de identidades.

Mas por que é primordial trabalhar com tais questões desde a Educação Infantil? As autoras, ancoradas em teorias, reiteram que *"a educação infantil é estratégica, pois é na primeira infância que se inicia a corporificação do habitus de gênero a partir do cuidado do corpo e da exploração do mundo num contexto de educação integral: física, emocional e cognitiva"* (CARVALHO, 2008 apud SILVA et al, 2015, p. 234). Ou seja, enquanto exploram o próprio corpo e se relacionam com os demais sujeitos, as crianças vão se reconhecendo e performando masculinidades e feminilidades, construindo e reforçando suas identidades como forma de pertencimento ao grupo em que vivem.

2) *A ressignificação de uma pedagogia: construção da identidade da criança negra na educação infantil* (Autoras: Layla Maryzandra Costa Silva e Daniela Maroja Ribeiro, ano 2015).

Nesse artigo, as autoras debatem sobre a construção de pedagogias que favoreçam a ressignificação da identidade étnico-racial da criança negra, a fim de contribuir para a quebra de estereótipos que reforçam preconceitos, pois, segundo elas *"[...] a identidade negra na primeira infância é construída num país ainda racista, envolto a uma pedagogia de olhares hegemônicos, no que à tange questão racial"* (SILVA; RIBEIRO, 2015, s/p). Convém destacar que elas citam a Lei 10.639/03 como sendo um importante aparato que pode auxiliar em práticas pedagógicas antirracistas.

Sobre essa lamentável realidade, Gomes (2005, p. 46) reitera que *"[...] vivemos em um país com uma estrutura racista onde a cor da pele de uma pessoa infelizmente é mais determinante para o seu destino social do que o seu caráter, a sua história, a sua trajetória"*. Logo, urge assegurarmos práticas educativas que sejam antirracistas e auxiliem no protagonismo das pessoas negras, além de incitarem a valorização e respeito às culturas africana e afro-brasileira como elementos importantes da formação do nosso país.

No decorrer do texto, as autoras destacam que o racismo reforça as desigualdades entre as pessoas, à medida que impulsiona a invisibilidade das pessoas negras, classificando-as como seres inferiores por conta da cor da pele e de seus antepassados. Em vista desse sentimento de inferioridade que vão internalizando cotidianamente, as pessoas negras são induzidas a negarem suas identidades e reprimirem seus costumes culturais por medo de represálias e/ou violências. Nesse cerne, Silva e Ribeiro (2015) enfatizam que:

> *Por meio de uma educação eurocêntrica e num contexto de falta de preparo/formação ou preconceitos neles introjetados, muitos educadores não sabem promover em suas práticas pedagógicas a construção positiva da identidade das crianças negras, e ainda negam a existência de diferenças pautadas no pertencimento racial entre as crianças, calcado em práticas preconceituosas, ou de forma excludente, a partir da falaciosa ideia de que está discutindo a diversidade (SILVA; RIBEIRO, 2015, s/p).*

Tal argumentação evidencia-nos que alguns/as professores/as ainda cometem equívocos em suas práticas educativas, haja vista que reforçam o mito da democracia racial, corroborando invisibilidade das diferenças e das identidades das pessoas negras, além de fortalecerem, nesse caso, ideias negacionistas sobre racismo e práticas excludentes. Vale ressaltar que, segundo as autoras, *"[...] a percepção do outro, no que diz respeito à identidade racial, é extremamente significativa no que se trata do educar e do cuidado com a criança"* (SILVA; RIBEIRO, 2015, s/p).

Uma vez que a autoimagem e a identidade da criança são construídas com base na maneira como percebe o/a outro/a, cabe a/ao docente oportunizar atividades em que as crianças tenham acesso às referências, cujas pessoas negras sejam protagonistas, para que gradativamente ressignifiquem a imagem estereotipada e negativa desse grupo étnico-racial e, consequentemente, a criança negra afirme positivamente sua própria imagem.

Por isso, torna-se relevante o uso de bonecos/as negros/as em atividades da Educação Infantil como recurso didático capaz de beneficiar a quebra de preconceitos raciais e de gênero, bem como ajudar no desenvolvimento de sentimentos positivos referentes à pessoa negra e a afirmação das identidades negras.

Nesse sentido, de acordo com o documento Educação Infantil e Práticas Promotoras de Igualdade Racial:

> *Ao reivindicarmos que é necessário abordar na educação infantil aspectos que tratem das relações raciais, é porque as marcas raciais, cor, cabelo, aspectos culturais são elementos presentes no cotidiano das crianças nesta faixa etária suscitando-lhes curiosidades e conflitos que não podem ser desconsiderados [...] (DIAS; SILVA JUNIOR apud SILVA JUNIOR; BENTO, CARVALHO, 2012, p. 29).*

Assim, desconsiderar a problematização de tais questões na Educação Infantil é negar a diversidade de sujeitos, a pluralidade cultural e o racismo estrutural, gerando silenciamentos, invisibilidades e violências contra os diferentes grupos étnico-raciais que compõem o Brasil. Pois, ainda de acordo com as autoras, as crianças brancas podem demonstrar comportamentos racistas e atitudes discriminatórias.

3) *A construção da identidade negra no espaço escolar: percepções e discussões* (Autor: Kellison Lima Cavalcante, ano 2018). Nesse texto, o autor apresenta algumas percepções sobre o processo de construção identitária dos/as estudantes negros/as na escola, destacando-se a importância do desenvolvimento de práticas educativas que proporcionem o engajamento desses sujeitos nas discussões sobre identidade racial. Pois, de acordo com ele *"[...] a construção da identidade negra dos estudantes reflete diferentes relações sociais encontradas no espaço escolar, percorrendo conflitos, reconhecimentos, ações e participações dos estudantes no debate e discussão"* (CAVALCANTE, 2018, p. 9).

Dentro dessa perspectiva, depreende-se que:

> *Se as crianças negras receberem mensagens positivas dos adultos e de seus pares acerca de seus atributos físicos e demais potencialidades, aprenderão a se sentir bem consigo. De outro lado, se as crianças brancas aprendem que seus atributos físicos e culturais não são os melhores nem os únicos a ser valorizados, os dois grupos aprenderão a considerar as diferenças como parte da convivência saudável* (DIAS; SILVA JUNIOR apud SILVA JUNIOR; BENTO, CARVALHO, 2012, p. 29).

Diante dessa afirmativa, percebemos que é importante promover práticas educativas que evidenciem o protagonismo das pessoas negras nos diferentes espaços sociais, de maneira que auxiliem na quebra de paradigmas segregacionistas, ajudando-nos a combater o racismo e a estimular as crianças negras a afirmarem positivamente sua identidade racial. Consoante a essa questão, Cavalcante (2018, p. 13) afirma que *"[...] o espaço escolar torna-se primordial para a preparação dos discentes para o reconhecimento dos valores, costumes e contribuições da cultura negra na formação da sociedade brasileira em um constante processo de construção da identidade negra".*

Ao longo da argumentação, o autor reforça a ideia de que a escola é um espaço propício para o debate sobre as questões raciais e estímulo ao reconhecimento da identidade negra. Ou seja, a problematização de tais temáticas colabora para a construção e afirmação identitária da criança negra, despertando-lhe sentimentos positivos de si mesma e do grupo étnico-racial que pertence.

4) *Meninos que brincam com bonecas viram meninas? Diferenças de gênero nas brincadeiras de crianças de 4 a 5 anos*

(Autoras: Rafaela Junges e Suzana Feldens Schwertner, ano 2017). Nesse artigo, as autoras discorrem sobre a relação entre as diferenças de gênero e as escolhas de brinquedos por meninos e meninas, a partir de uma pesquisa realizada em uma escola de Educação Infantil, de um município do interior do Rio Grande do Sul, revelando-nos que *"[...] a marcação das diferenças de gênero não é proposta pelas crianças, mas pelo meio em que estão inseridas, especialmente pelos pais e pela sociedade em geral"* (JUNGES; SCHWERTNER, 2017, p. 262).

Nesse sentido, a generificação de brinquedos, jogos e brincadeiras é resultante dos discursos ideológicos dos adultos, determinando-se, pois, aquilo que deve ser utilizado por meninas e meninos, bem como direcionando as práticas lúdicas específicas para elas e eles. Tal fato corrobora desigualdades entre os sujeitos e limita as múltiplas aprendizagens, à medida que condiciona a construção das feminilidades e masculinidades aos estereótipos de gênero. Porém, é importante destacar que *"[...] o brincar é uma expressão livre, que não precisa ser marcada pelos estereótipos de gênero"* (JUNGES; SCHWERTNER, 2017, p. 262).

Enquanto brinca, a criança experimenta diferentes possibilidades de aquisição de saberes, testa hipóteses, propõe soluções, faz associações e inferências sobre o contexto em que está inserida. Dentro dessa ótica, se um menino brinca com bonecas pode aprender, por exemplo, a cuidar do/a outro/a, desenvolver sentimentos de empatia, respeito e solidariedade. Logo, provavelmente, se tornará um homem adulto ciente de que, entre outras questões, é responsabilidade de homens e

mulheres cuidarem dos/as filhos/as e da manutenção da casa. O mesmo pode acontecer com meninas que brincam com carrinhos. Elas, possivelmente, crescerão sabendo que, quando adultas, poderão ser motoristas de veículos, pois tal profissão não é exclusiva do homem.

Louro (2014) chama-nos à atenção para o fato de que:

> *A separação de meninos e meninas é [...] muitas vezes, estimuladas pelas atividades escolares, que dividem grupos de estudos ou que propõem competições. Ela é provocada, por exemplo, nas brincadeiras que ridicularizam um garoto, chamando-o de "menininha", ou nas perseguições de bandos de meninas por bandos de garotos (LOURO, 2014, p. 82-83).*

Dessa forma, cabe a escola ressignificar suas práticas educativas, a fim de dissipar as desigualdades de gênero, o sexismo e as violências contra os corpos e identidades dissidentes. A ideia é que os/as professores/as não desenvolvam atividades que reforcem a generificação dos brinquedos, jogos e brincadeiras. Para tanto, faz-se necessário a problematização das relações de gênero no espaço escolar, com vistas a identificar como ocorre a interatividade entre meninos e meninas, além de também debater tais questões com os pais e mães das crianças, para que fiquem cientes das ações pedagógicas que serão realizadas ao longo do ano letivo.

No decorrer da narrativa, as autoras reiteram que as diferenças de gênero são estruturadas por meio de comportamentos, vestimentas, brincadeiras e etc. A partir

disso, produzem-se padrões de masculinidades e feminilidades. Por isso, um menino brincando com boneca ou uma menina brincando com carrinho ainda causa espanto a grande maioria das pessoas, haja vista que tais objetos são socialmente generificados. Importa destacar que, *"[...] a criança não nasce sabendo que pertence ao gênero masculino ou gênero feminino, mas aprende esses conceitos a partir do meio em que está inserida"* (JUNGES; SCHWERTNER, 2017, p. 264).

Por conseguinte, as identidades de gênero são construídas socialmente tendo como suporte os aparelhos ideológicos da sociedade. Assim, historicamente, em consequência do sistema patriarcal, os homens são encorajados a deterem o poder, demonstrarem força, virilidade e esconderem suas emoções. Em contrapartida, as mulheres são lidas como frágeis, submissas e responsáveis pelo cuidado com os/as filhos/as e afazeres domésticos. Em vista disso,

> *Nas vivências das escolas infantis, meninos que procuram brincar com as meninas em brincadeiras de casinha, ou de escolinha, são "diagnosticados" pelas educadoras ou mesmo pelos pais como propensos à homossexualidade. Sendo assim, muitas vezes essas crianças seguem as condutas preestabelecidas socialmente, deixando de lado os seus desejos, suas curiosidades para não fugir das ações esperadas por cada um (JUNGES; SCHWERTNER, 2017, p. 265).*

Dessa maneira, as crianças são induzidas a se enquadrarem dentro das normas padronizadas do binarismo de gênero, reproduzindo comportamentos que são pré-

determinados como adequados para meninas e meninos. Aquele/a que quebrar tais normas será tido/a como "*anormal*", como desviante da identidade *"natural e normal"*. É por isso que, *"[...] dificilmente encontraremos em um quarto de menino, bonecas para serem exploradas, muito menos sapatos e bolsas, e, mesmo no quarto de uma menina, seria incomum encontrarmos carrinhos de corrida, bonequinhos de super-heróis, entre outros"* (JUNGES; SCHWERTNER, 2017, p. 265).

No tópico a seguir, apresentaremos uma proposta didática envolvendo a utilização de bonecos/as negros/as como estratégia de apoio à equidade de gênero, construção e afirmação identitária das crianças negras.

Estratégia didática de apoio à igualdade de gênero, construção e afirmação identitária positiva das crianças negras

Promover a aprendizagem significativa sobre gênero, o povo africano e afro-brasileiro, a partir do estudo de suas práticas culturais e das relações sociais gendradas, é importante para ressignificarmos estereótipos e estimularmos o respeito à diversidade cultural e às diferentes identidades raciais e sexuais.

Nesse sentido, faz-se necessário o desenvolvimento de atividades educativas que, de fato, favoreçam a construção de conhecimentos qualitativos, bem como ajudem no combate ao preconceito. Pois, segundo Oliveira (2016):

> *É evidente que nossa sociedade é marcada pelo racismo e conservadorismo, onde as minorias encontram-se na base da pirâmide social, refletindo assim, na discriminação que atinge de forma cruel negros e indígenas. Isso se explica desde as raízes do Brasil, onde o evento da*

colonização e suas repercussões deixaram uma herança discriminatória e etnocêntrica no terreno das mentalidades, com isso, o legado racista se propagou ao longo da história e precisa ser combatido diariamente (OLIVEIRA, 2016, p. 1).

Diante dessa assertiva, percebemos que o ensino de História da África deve ser realizado considerando os diferentes aspectos desse continente. E, nesse caso, precisa ter como uma das finalidades ajudar os sujeitos a se tornarem antirracistas.

Assim como as discussões sobre gênero necessitam ser problematizadas considerando os distintos elementos sócio-históricos e culturais, a fim de ressignificarmos as relações entre homens e mulheres e identidades engendradas. Isso posto, indicamos trabalhar com bonecos/as negros/as nas brincadeiras planejadas da Educação Infantil, porque auxilia no desenvolvimento de algumas habilidades e competências das crianças, além de contribuir para a ressignificação de estereótipos das culturas africana e afro-brasileira, construção e afirmação identitária racial, igualdade de gênero e combate ao racismo.

Destarte, de acordo com Auad (2019):

Quando começamos a considerar as relações de gênero como socialmente construídas, percebemos que uma série de características consideradas "naturalmente" femininas ou masculinas corresponde às relações de

poder. Essas relações vão ganhando a feição de "naturais" de tanto serem praticadas, contadas, repetidas e recontas (AUAD, 2019, p. 19).

Tal assertiva reforça a premissa de que a maneira como homens e mulheres se relaciona é resultante do engendramento social estruturado historicamente. Nesse caso, o sistema patriarcal fortaleceu a construção das desigualdades de gênero, à medida que forçou as mulheres a ocuparem uma posição de inferioridade em consequência da dominação masculina.

Reconstruir essas relações requer o desenvolvimento de práticas educativas não sexistas, desde a Educação Infantil, que favoreçam o entendimento da dicotomia masculino/feminino e a igualdade de gênero. Ainda segundo Auad (2019):

> *O gênero – como um conjunto de ideias e representações sobre o masculino e sobre o feminino – cria uma determinada percepção sobre o sexo anatômico. E, então, ter pênis ou ter vagina, ser menina, homem, mulher ou menino determina quais serão as informações utilizadas para organizar os sujeitos em uma desigual e (irreal!) escala de valores (AUAD, 2019, p. 21).*

Diante dessas questões, fomos impulsionados/as a desenvolver uma proposta didática que ajude na problematização de tais temáticas com as crianças da Educação Infantil. Importar destacar, nesse caso, que tal

proposta dialoga diretamente com os direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil preconizados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), principalmente os destacados aqui:

> ***Brincar*** *cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.*
> ***Conhecer-se*** *e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário (BRASIL, Base Nacional Comum Curricular 2018, p. 38).*

Assim, a partir das argumentações expostas nas seções anteriores e, considerando a importância de assegurarmos uma prática educativa antirracista e não sexista, sugerimos a seguinte proposta didática a ser aplicada na Educação Infantil, com crianças de 4 e 5 anos de idade:

PROPOSTA DIDÁTICA: BRINCANDO COM BONECAS/OS ABAYOMI



Fonte: Kauê Vieira

Introdução

As/os bonecas/as *abayomi* são um dos símbolos de resistência e tradição da cultura africana. O termo *abayomi* significa "encontro precioso" em Iorubá. Como um importante elemento das manifestações culturais africanas, tais bonecas/os dão visibilidade às múltiplas etnias da África.

Além disso, podem ajudar na problematização sobre gênero e na produção de masculinidades e feminilidades não padronizadas.

Logo, considerando sua relevância para o entendimento e respeito à diversidade cultural e diferentes performances de gênero, sugerimos esta proposta didática, a fim de contribuir para a visibilidade e valorização das culturas africana e afro-brasileira, construção e afirmação identitária racial e igualdade de gênero, bem como combate ao racismo.

Sobre as/os bonecas/os *abayomi*, Vieira, em sua página na *internet*, indica que "sem costura alguma (apenas nós ou tranças), as bonecas não possuem demarcação de olho, nariz, nem boca, isso para favorecer o reconhecimento das múltiplas etnias africanas" (VIEIRA, [s.d]). A seguir, apresentamos nossa proposta didática.

1. Conteúdo: Cultura africana (Bonecas/os *Abayomi*) e relações de gênero
2. Público alvo: Crianças de 4 e 5 anos da Educação Infantil
3. Tempo estimado: 6 aulas

4. Campos de experiências trabalhados (BNCC): O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

5. Habilidades BNCC:

- (EI03EO01) Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.
- (EI03EO05) Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive.

- (EI03EO06) Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida. (EI03CG01) Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música.
- (EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.
- (EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.
- (EI02EF06) Criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos.
- (EI03ET05) Classificar objetos e figuras de acordo com suas semelhanças e diferenças.

6. Objetivos

A) **Geral:** Promover a aprendizagem sobre culturas africana e afro-brasileira, o debate sobre gênero e produção de masculinidades e feminilidades, a partir da confecção e brincadeira com bonecas/os *abayomi.* Utilizando-as/os, nesse caso, como estratégia para facilitar a ressignificação da imagem estereotipada da pessoa negra, a fim de favorecer a construção e afirmação identitária racial, igualdade de gênero, valorização cultural e combate ao racismo.

B) **Específicos:**

- Perceber que as/os bonecas/os *abayomi* fazem parte das manifestações culturais africanas e são símbolos

não generificados de resistência e visibilidade dos povos africanos e afro-brasileiros, podendo ser utilizadas/os por meninos e meninas em suas brincadeiras;
- Valorizar e respeitar as expressões das cultura africana e afro-brasileira, bem como as diferentes performances de gênero;
- Expressar-se livremente por meio da construção de brinquedos e da oralidade como possibilidades de narrar a história dos povos africanos e afro-brasileiros, ressignificar as produções de masculinidades e feminilidades, bem como construir e afirmar sua própria identidade racial e sexual;
- Brincar com bonecos/as negros/as, a fim de naturalizar a sua utilização entre meninos e meninas, de maneira a descontruir a generificação de tais objetos.

7. Metodologia de ensino:

- **Primeira aula:** Roda de conversa para verificar quais brinquedos as crianças costumam utilizar em suas brincadeiras, questionando-as: por que gostam de tais brinquedos? Do que e com quem brincam? Logo em seguida, exposição de uma caixa de brinquedos contendo bonecas e carrinhos de diferentes tamanhos e cores, para que as crianças possam escolher os brinquedos que desejam, a fim de observar a forma como brincam e os tipos de relações que são construídas com os brinquedos e quais interações estabelecem entre o grupo. Auad (2019, p. 23) chama-nos à atenção para o fato de que "questionar, e não imediatamente negar, o que percebemos como tipicamente feminino ou tipicamente masculino pode

ajudar a notar como muitas diferenças entre homens e mulheres não são naturais".

- **Segunda aula:** Exposição de uma caixa de brinquedos apenas com bonecas de diferentes tamanhos e cores, para observar quais bonecas serão escolhidas, se os meninos escolherão alguma das bonecas, os tipos de relações que são construídas com esses objetos e como acontece a interatividade entre as crianças. Logo em seguida, questioná-los/as sobre: por que escolheram determinada boneca? O que acontece se menino brincar com bonecas? Caso algum(s) meninos(s) não pegue(m) nenhuma boneca, questioná-lo(s) sobre o motivo de não querer(em) brincar com tais objetos.
- **Terceira aula:** Exposição de uma caixa de brinquedos apenas com carrinhos de diferentes tamanhos e cores, para observar quais carrinhos serão escolhidos, se as meninas escolherão algum dos carrinhos, os tipos de relações que são construídas com esses objetos e como acontece a interatividade entre as crianças. Logo em seguida, questioná-los/as sobre: por que escolheram determinado carrinho? O que acontece se menina brincar com carrinhos? Caso alguma(s) menina(s) não pegue(m) nenhum carrinho, questioná-la(s) sobre o motivo de não querer(em) brincar com tais objetos. Sobre essas questões, depreende-se que "as desigualdades acabam por ditar do que meninas boazinhas devem brincar, o que homens fortes devem fazer, do que toda mulher honesta deve fugir e como um menino corajoso deve se comportar" (AUAD, 2019, p. 23).
- **Quarta aula:** Sondagem inicial para averiguar os conhecimentos prévios dos/as alunos/as referentes à cultura africana e, especificamente, sobre as/os

bonecas/os *abayomi*, questionando-os/as se algum elemento desse brinquedo pode ser associado ao masculino e feminino. Logo após, exibição do vídeo sobre as/os bonecas/os *abayomi* e posterior debate sobre sua importância para a cultura africana, construção e afirmação positiva da identidade negra e brincadeiras não generificadas. Por último, atividade de colagem sobre as bonecas *abayomi*. Vale enfatizar que "a ideia de oposição entre gêneros conduz, dentre várias consequências, a muitas ideias equivocadas" (AUAD, 2019, p. 22).

- **Quinta aula:** Divisão da turma em grupos e distribuição dos materiais para confecção de bonecas/os *abayomi*. Em seguida, cada grupo fará um curto relato oral sobre os significados que cada equipe atribuiu a sua boneca. Por último, os mesmos grupos encenarão, utilizando as/os bonecas/os como recursos ilustrativos, um breve diálogo sobre elementos da cultura africana e inventarão outras brincadeiras simulando situações do cotidiano envolvendo as/os bonecas/os. Uma vez que os gêneros são socialmente inscritos nos corpos considerando-se, entre outros elementos, as genitálias; nessa etapa, o/a docente pode propor que as crianças descrevam as características de suas/seus bonecas/os e façam associações com os/as colegas de turma. Auad (2019, p. 20) destaca que "as diferenças anatômicas entre homens e mulheres (ter um pênis ou uma vagina, por exemplo) não teriam nenhuma significação valorativa em si mesmo não fossem os arranjos de gênero vigentes na nossa sociedade". A partir disso, questioná-las: sua/seu boneca/o é menino ou menina? Por que você considera sua/seu boneca/o menino ou menina? Quais

informações levaram-nas a definir essas identidades? Como as/os bonecas/os *abayomi* não possuem genitálias definidas, é provável que as crianças recorram a outros aspectos, como, por exemplo, a vestimenta (saia, bermuda, etc.) para inscreverem a masculinidade e/ou a feminilidade em suas bonecas. Nesse caso, pode-se problematizar a atividade sugerindo que as crianças utilizem na/o mesma/o boneca/o acessórios tidos como masculinos e femininos. Nesse momento, deve-se indagá-las se continuam definindo suas/seus bonecas/os como menino ou menina. Caso afirmem ou retifiquem a inscrição de gênero de suas/seus bonecas/os, questioná-las sobre os motivos. Além disso, perguntá-las: o que acontece se um menino vestir saia? Por que meninos e meninas usam calças, já que essa vestimenta historicamente foi associada ao masculino? Se um menino usar saia, perderá sua identidade masculina? Existe cor de vestimenta específica para meninos e meninas? E se uma menina não usar saia, perderá sua feminilidade? Têm algum/a boneco/a negro/a em casa? Se a resposta for negativa, pedir que indiquem os motivos de não quererem usar tal brinquedo étnico-racial. Segundo Carrara et al (2010, p. 61) "é importante ouvir o que as crianças têm a nos dizer, muito mais do que explicar a elas, para trazer à tona o que elas entendem e com isso, fazer o levantamento dos saberes do local".

- **Sexta aula (Revisão final):** Exposição das/os bonecas/os *abayomi* confeccionadas pelas crianças, retomada de algumas ideias centrais sobre a cultura africana e a importância das/os bonecas/os *abayomi* como um dos significantes símbolos de resistência e

visibilidade dos/as africanos/as, que contribui para a transmissão de conhecimento entre as gerações, empoderamento das pessoas negras, desenvolvimento de brincadeiras e utilização de brinquedos sem generificá-los, igualdade de gênero e ressignificação das masculinidades e feminilidades. Por último, exibição do vídeo "Todos podemos cuidar" da Baby Alive, a fim de reforçar a importância da não generificação de brinquedos. Nessa etapa, o/a professor/a pode pedir que as crianças retirem todos os acessórios das/os bonecas/os, para em seguida questioná-las se existem alguma diferença ou semelhança entre as/os bonecas/os. Essa etapa é importante porque ajuda as crianças a perceberem que os corpos são produzidos nas/pelas culturas, assim como os gêneros são materializados a partir de diferentes aspectos. Importa destacar que:

> Gênero e sexualidade são linguagens que se constroem em meio a uma educação das sensibilidades, desejos e prazeres. Retornar às experiências que foram constituintes dos significados incorporados pelas pessoas em suas vidas e permitir-lhes construir novos significados, fundamentados nos princípios da igualdade e diversidade, é um desafio tanto pessoal – e aqui, educadores/as também vivenciam essa descoberta da autoria do seu próprio corpo –, quanto coletiva, pois se pretende, em conjunto, construir a colcha de retalhos (CARRARA et al,

2010, p. 66-67).

8. Recursos didáticos: Computador, *datashow*, vários brinquedos, vídeo, pedaços de tecidos variados, linhas coloridas de crochê, barbante, cola, papel, revistas, tesoura, tintas guaches, botões de camisa e pincel.

9. Avaliação:

- Observação da participação do/a aluno/a durante o desenvolvimento das atividades com a intencionalidade de verificar possíveis dificuldades e o nível de entendimento sobre a temática em estudo;
- Registro em ficha do desempenho dos/as estudantes.

Resultados esperados:

Como um dos possíveis resultados, espera-se que as crianças percebam que as culturas africana e afro-brasileira são compostas de diferentes elementos, cuja simbologia assegura a construção e afirmação positiva das identidades desses povos, bem como a brincadeira com bonecos/as ajuda no cuidado com o/a outro/a e na ressignificação de masculinidades e feminilidades. Afinal, por exemplo, como aponta Auad (2019)

> [...] no momento em que uma criança do sexo masculino nasce e ouvimos dizer "É menino!", assistimos à primeira interpretação de uma série que, de diferentes formas, moldará as expectativas, as experiências e o modo como se dará a inserção e a participação dessa criança no meio social (AUAD, 2019, p. 22).

Isso posto, almeja-se ainda que os/as alunos/as ressignifiquem o conceito estereotipado associado as/aos bonecas/os *abayomi* e as culturas africana e afro-brasileira, a fim de combater as discriminações sobre essa manifestação cultural e as pessoas negras, bem como, paulatinamente, construam e afirmem positivamente sua identidade racial, além de não generificarem tais objetos, de maneira a favorecer a igualdade de gênero.

Fonte: Elaborada pelo autor.

A partir dessa proposta didática, entendemos que tais manifestações culturais promovem a visibilidade de povos cujas identidades e culturas foram historicamente silenciadas, invisibilizadas e segregadas.

Conhecê-las e compreender como cada grupo organiza e realiza suas práticas culturais e performance de gênero é essencial para evitarmos a discriminação ou silenciamento de indivíduos que possuem costumes e tradições diferentes daquelas tidas como hegemônicas, além de impulsionar a construção e afirmação identitária positiva das pessoas negras, a igualdade de gênero e combate ao racismo estrutural. Esperamos que essa proposta sirva de inspiração para a construção de muitas outras propostas didáticas que envolvam a utilização de bonecos/as negros/as na Educação Infantil. Pois, a ideia é realizar diferentes atividades envolvendo tais temáticas durante todo o ano letivo.

Considerações (longe de serem) Finais

A partir da investigação na base de dados do Portal de Periódicos da CAPES, das leituras dos artigos coletados e posterior reflexão sobre as narrativas dos teóricos/as que discutem identidade racial, gênero e ludicidade, depreendemos que a utilização de bonecos/as negros/as em atividades da Educação Infantil pode contribuir significativamente para a aprendizagem qualitativa das crianças sobre História da África, impulsionando-as a ressignificarem a imagem estereotipada desse continente e das pessoas negras, além de ajudar na construção e afirmação positiva da identidade racial da criança negra, igualdade de gênero e combate ao racismo.

Dentro desse contexto, é válido destacar que o desenvolvimento de atividades que envolvem bonecos/as negros/as propiciam também as/aos educadores/as a oportunidade de desenvolverem práticas educativas lúdicas, antirracistas e antissexistas, e as crianças possibilitam ainda a chance de estabelecerem relações entre os conteúdos escolares e a sua aplicação na vida cotidiana.

Importa ressaltar que, segundo os/as autores/as que estudam tais temáticas, a construção e afirmação positiva

identitária da criança negra, bem como a igualdade de gênero são influenciadas pelos tipos de práticas educativas empregadas nos espaços escolares e não-escolares. Nesse contexto, a utilização de bonecos/as negros/as, de fato, pode ser um importante instrumento de apoio à prática docente, à medida que favorece a aprendizagem significativa, autônoma e emancipatória das crianças.

Contudo, cabe aqui a ressalva de que, para se garantir o progresso contínuo e qualitativo da construção de saberes pelos/as alunos/as, no que se refere à aprendizagem ressignificada da História da África, bem como ressignificação da imagem estereotipada das pessoas negras, é imprescindível a utilização não só de bonecos/as negros/as, mas também outros elementos que pertencem as culturas africana e afro-brasileira, de maneira a promover o senso crítico/investigativo das crianças, proporcionando-lhes a contínua oportunidade de experenciarem diferentes aprendizagens.

Portanto, compete a/ao docente empregar diferentes estratégias didáticas que enriqueçam o processo de ensino-aprendizagem e estimulem a participação ativa de seus/suas educandos/as, estimulando-os/as a conquistarem sua autonomia e construírem positivamente suas identidades raciais e de gênero. Nesse caso, os/as bonecos/as negros/as podem ser considerados significativos recursos didáticos capazes de atraírem a atenção das crianças e facilitarem o desenvolvimento de diferentes habilidades e competências cognitivas.

Destarte, é fundamental que novos estudos sobre essa temática sejam realizados, de maneira a contribuírem para a quebra de paradigmas educacionais segregacionistas, promovendo, assim, o ensino significativo da História da África, a fim de ajudar na construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, justa, inclusiva, antirracista e antissexista.

Referências

AGUIAR, João Serapião de. **Jogos para o Ensino de Conceitos:** leitura e escrita na pré-escola. Campinas, S.P: Papirus, 1998.

ANDRADE, Andreza de Oliveira; SANTOS, Luana Paula Moreira. Feminismos, gênero e seus (des) caminhos: nuances de uma epistemologia sócio-histórica. In: ANDRADE, Andreza de Oliveira *et al* (Orgs.). **Feminismo, Gênero e Sexualidade**: diálogos contemporâneos. Mossoró-RN: UERN, 2016, p. 21-48.

AUAD, Daniela. **Educar Meninas e Meninos:** relações de gênero na escola. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 30 de mar. 2021.

BRASIL. **Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm>. Acesso em: 30 mar. 2021.

BRASIL. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

BRASIL. **O Impacto do Racismo na Infância**. UNICEF, 2010. Disponível em: <www.unicef.org.br>. Acesso em 19 de abril 2021.

BRITZMAN, Deborah. **O Que é esta Coisa Chamada Amor:** identidade homossexual, educação e currículo. Educação & Realidade. 21(1): 71-96. Jan-jun, 1996.

CARRARA, Sérgio et al. **Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade**. V. 7. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.

CAVALCANTE, Kellison Lima. A construção da identidade negra no espaço escolar: percepções e discussões. **Cadernos Cajuína**, V. 3, N. 3, 2018, p. 9-19.

COSTA, Magnólia Maria Oliveira; DUARTE, Emanuela de Freitas. As contribuições de práticas lúdicas para o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil: a importância do papel do pedagogo. In: II Congresso Internacional de Educação Inclusiva, 2016, Campina Grande. **Anais II**. Campina Grande: Editora Realize, 2016.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Trad. de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FURLANI, Jimena. Abordagens contemporâneas para a educação sexual. IN: FURLANI, Jimena (Org.). **Educação Sexual na Escola:** equidade de gênero, livre orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Florianópolis, UDESC, 2008, p. 18-42.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: HENRIQUES, Ricardo et al. (Orgs). **Educação Antirracista:** caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JUNGES, Rafaela; SCHWERTNER, Suzana Feldens. Meninos que brincam com bonecas viram meninas? Diferenças de gênero nas brincadeiras de crianças de 4 a 5 anos. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 262-282, jan./mar. 2017.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não Desiguais:** a questão de gênero na escola. São Paulo: Reviravolta, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. A construção escolar das diferenças. In: LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 61-91.

______. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado:** pedagogias da sexualidade. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 9-42.

MENDES, Nilton. **Performance no Ensino de Inglês**. 2012. 168f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, 2012.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Trad. Maria Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer:** um aprendizado pelas diferenças. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica/Universidade Federal de Ouro Preto, 2015.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos antirracistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.) **A cidadania em construção:** uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994, p. 177-187.

OLIVEIRA, Fernanda Soares de. **Amarrando Tecidos e Desatando Preconceitos:** bonecas abayomi como estratégia de ensino-aprendizagem da história e cultura africana. VIII Encontro Estadual de História. ANPUH, Bahia, 2016.

RAU, Maria Cristina Trois Dorneles. **A ludicidade na educação:** uma atitude pedagógica. Curitiba: Ibepex, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA JUNIOR, Hédio; BENTO, Maria Aparecida Silva; CARVALHO, Silvia Pereira de. **Educação Infantil e Práticas Promotoras de Igualdade Racial.** [coordenação geral]. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT: Instituto Avisa lá - Formação Continuada de Educadores, 2012.

SILVA, Layla Maryzandra Costa; RIBEIRO, Daniela Maroja. **A ressignificação de uma pedagogia:** construção da identidade da criança negra na educação infantil. São Paulo: UNESP, 2015.

SILVA, Francisca Jocineide da Costa e et al. “Tu é menino, tu vai brincar de boneca, é?!” Relações de gênero na educação infantil. **Revista Espaço do Currículo**, v. 8, n. 2, p. 232-243, mai.-ago., 2015.

VIEIRA, Kauê. Bonecas abayomi: símbolo de resistência, tradição e poder feminino. **Afreaka.** Disponível em:<http://www.afreaka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>. Acesso em: 30 de mar. de 2021.

